

LA FORCE, Charlotte-Rose Caumont de. Persinette. In: LA FORCE, Charlotte-Rose Caumont de. **Les contes des contes**. Paris: Simon Benard, 1698. p. 97-131. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k109716f/f8.image.r=persinette>>. Acesso em: 23 set. 2017.

Conto: Persinette

Dois jovens amantes haviam se casado após uma longa busca por seus amores. Nada era igual a seus ardores, viviam contentes e felizes, quando, para completar a felicidade, a jovem esposa ficou grávida, sendo uma grande alegria para o pequeno lar. Eles desejavam muito ter uma criança, e o desejo tinha se realizado.

Havia na vizinhança uma fada que, sobretudo, era notável por ter um belo jardim. Lá se via com abundância todos os tipos de frutas, plantas e flores.

Naqueles tempos, a salsa era algo raríssimo na região. A fada mandara trazê-la das Índias, e em todo o país só se podia achá-la em seu jardim.

A recém-esposa sentiu grande desejo de comer a planta, e como sabia da dificuldade em satisfazê-lo, porque ninguém entrava naquele jardim, caiu num desgosto que a tornou irreconhecível até mesmo aos olhos de seu esposo. Ele a atormentou para saber a causa dessa mudança prodigiosa que aparecia em seu espírito, bem como em seu corpo e, após bastante resistência, a esposa confessou, enfim, que gostaria de comer salsa. O marido suspirou e ficou apreensivo por um desejo tão difícil de satisfazer. Contudo, como nada parece difícil no amor, ele ia dia e noite ao redor dos muros do jardim para tentar subir. Mas eram de uma altura que tornava a coisa impossível.

Finalmente, uma noite, ele avistou uma das portas aberta. Entrou com cautela, e ficou tão feliz que apanhou apressado um punhado de salsa. Saiu como havia entrado, e carregou seu furto à esposa, que comeu com avidez, e quem dois dias depois, ficou mais do que nunca tomada pelo desejo de comer ainda mais.

A essa altura, a salsa tinha que ter um gosto excelente.

O pobre marido retornou ao local inúmeras vezes, inutilmente, até que, enfim, sua perseverança foi recompensada ao encontrar a porta do jardim aberta. Entrou, e ficou surpreso ao se deparar com a própria fada, que o ralhou pela coragem que ele tivera em

aparecer assim, num lugar cuja entrada não era permitida a quem quer que fosse. O bom homem, confuso, ajoelhou-se, pediu perdão e disse que sua esposa morreria se não comesse um pouco de salsa, que ela estava grávida, e que esse desejo era perdoável. “Pois bem, disse a fada, eu te darei o tanto que quiseres, contanto que me dês a criança que tua esposa dará à luz”.

O marido, após curta deliberação, prometeu fazê-lo e pegou o tanto de salsa que quis.

Quando chegara o momento do nascimento, a fada se aproximou da mãe, que trouxe ao mundo uma filha, a quem a fada deu o nome de Persinette.¹ A fada envolveu a menina com mantas tecidas em fios de ouro, e lavou seu rosto com uma água preciosa que trazia num vaso de cristal, que a tornou, na mesma hora, a mais bela criatura do mundo.

Após tais cerimônias de beleza, a fada tomou a pequena Persinette, levou-a para sua casa e a criou com todos os cuidados imagináveis. Que maravilha foi, antes da menina completar seu décimo segundo ano de vida. A fada, que conhecia sua fatalidade, decidiu roubar seus destinos.

Para isso, por meio de seus encantos, ergueu uma torre de prata no meio de uma floresta. A misteriosa torre não tinha porta para entrar. Dentro dela havia grandes e belos aposentos tão iluminados como se a luz do sol tivesse entrado, e que recebiam o dia com o fogo das pedras granada que faziam brilhar todos os quartos. Tudo o que era necessário à vida ali estava de forma esplêndida. Todas as raridades estavam reunidas nesse lugar. Persinette só precisava abrir as gavetas de seus armários para encontrá-las repletas das mais belas joias. Seus guarda-roupas eram magníficos, como aqueles das rainhas da Ásia, e não havia uma só moda que não tivesse primeiro. Estava sozinha nessa bela morada, onde não tinha nada a desejar além de companhia. Com exceção disso, todos os desejos eram adivinhados e satisfeitos.

É inútil dizer que em todas as refeições os pratos mais finos faziam parte de sua alimentação. Mas posso garantir que, como só conhecia a fada, ela não se entediava com a solidão. Lia, pintava, tocava instrumentos e se divertia com todas as coisas que uma menina que foi perfeitamente criada não desconhece.

¹ O nome Persinette é a junção da palavra *persil* (salsa), com o sufixo de diminutivo *ette*, que seria o equivalente ao *inho/inha* do português. Portando, a tradução literal do nome da personagem seria “Salsinha”.. (N.T.)

A fada ordenou que fosse dormir no alto da torre, onde havia uma única janela, e após tê-la estabelecido nessa encantadora solidão, desceu pela janela e voltou para casa.

Persinette se divertia com cem coisas diferentes, assim que ficava sozinha. Até quando apenas remexia em suas caixinhas de preciosidades, já era uma ocupação e tanto. Quantas pessoas não adorariam ter uma parecida!

A vista da janela da torre era a vista mais bela do mundo, pois se via o mar de um lado, e do outro a vasta floresta. Eram dois lugares únicos e encantados. Persinette tinha a voz divina. Tinha muito prazer em cantar, e era sempre um divertimento, principalmente nas horas em que ela esperava pela fada. Esta vinha vê-la várias vezes, e quando chegava na base da torre, acostumara-se em dizer: “Persinette, desce teus cabelos para que eu suba”.

Eram uma das grandes belezas de Persinette os cabelos, que mediam trinta *aunes* de comprimento sem que a incomodassem. Eram louros como fino ouro, presos com fitas de todas as cores, e quando ouvia a voz da fada, desprendia-os, descia-os, e a fada subia.

Um dia que Persinette estava sozinha na janela, começou a cantar da forma mais bela que já se ouvira.

Um jovem príncipe cassava naquele momento, tinha se perdido ao perseguir um alce. Ouvindo esse canto tão agradável, aproximou-se e viu a jovem Persinette. Sua beleza o tocou, sua voz o encantou. Deu vinte voltas ao redor da torre fatal, e não vendo nenhuma entrada, pensou morrer de aflição. Ele tinha amor, tinha audácia, quisera poder escalar a torre.

Persinette, por sua vez, perdeu a voz quando viu um homem tão encantador. Ela o observou por um tempo, toda admirada, mas, de repente, saiu da janela, acreditando que fosse algum monstro, lembrando-se de ter ouvido que havia uns capazes de matar com os olhos, e tinha achado o olhar deste bem perigoso.

O príncipe foi ao desespero ao vê-la desaparecer assim. Informou-se pelas habitações mais próximas sobre o que era aquilo. Disseram-lhe que uma fada havia construído a torre e ali trancado uma jovem. Ele rodeava a torre todos os dias, enfim, tanto o fez que viu chegar a fada, e ouviu que ela dizia: “Persinette, desce teus cabelos para que eu suba”. No mesmo instante, ele reparou que aquela bela pessoa desfazia as longas tranças de seus cabelos, e que a fada subia com eles. Ficou deveras surpreso com uma maneira de visitar tão pouco comum.

No dia seguinte, quando pensou que a hora tinha passado, em que a fada estava acostumada a entrar na torre, esperou a noite com muita impaciência, e aproximando-se sob a janela, imitou admiravelmente a voz da fada, e disse: “Persinette, desce teus cabelos para eu que suba”.

A pobre Persinette, enganada pelo som dessa voz, correu e despreendeu seu lindo cabelo.

O príncipe subiu, e quando chegou no alto, e que se viu na janela, pensou que ia cair abaixo, quando constatou de perto aquela beleza prodigiosa. No entanto, retomando toda a sua audácia natural, ele saltou no quarto, e se colocando aos pés de Persinette, beijou-lhe os joelhos com um ardor que podia persuadi-la. Ela se assustou, a princípio, gritou, depois começou a tremer, e nada foi capaz de tranquilizá-la, exceto quando sentiu em seu coração o tanto de amor quanto aquele que ela havia colocado no coração do príncipe. Ele dizia as coisas mais belas do mundo, ao que ela respondeu por uma agitação que deu esperança ao príncipe. Finalmente, ele ganhou mais coragem, propôs casar-se com ela no mesmo instante. Ela consentiu mal sabendo o que fazia, terminando da mesma forma toda a cerimônia.

Eis o príncipe feliz. Persinette se habituou a amá-lo também. Viam-se todos os dias, e após um tempo, ela ficou grávida. Esse estado desconhecido a preocupou bastante. O príncipe, sabendo o que era, preferiu não explicar, com medo de afligi-la. Mas a fada, tendo ido vê-la, logo que a observou descobriu sua doença: “Ah! Infeliz!”, disse, “cometeu um grande erro e será punida por isso, os destinos não podem ser evitados, e minha precaução foi em vão”. Dizendo isso, ela ordenou num tom imperioso que lhe confessasse toda a sua aventura, o que a pobre Persinette fez, com os olhos molhados de lágrimas.

Após o relato, a fada não pareceu comovida com todo o amor narrado por Persinette de forma tão tocante, e tomando-a pelos cabelos, cortou as preciosas tranças. Depois disso, a fada mandou Persinette descer, e desceu ela pela janela também. Quando chegaram à base, a fada se envolveu numa nuvem que as carregou para perto do mar, numa área muito solitária, mas bem agradável. Lá havia campos, bosques, um riacho de água doce, uma pequena cabana feita de folhas ainda verdes. Dentro, tinha uma cama feita com tojo e, ao lado, um cesto com biscoitos variados muito bons, e que não acabavam mais. Foi para este lugar que a fada conduziu Persinette, e ali foi deixada, depois de ter ouvido repreensões que pareceram cem vezes mais cruéis do que suas próprias infelicidades.

Foi neste lugar que ela deu à luz a um pequeno príncipe e a uma pequena princesa, e foi neste lugar que ela os alimentou, e onde teve todo o tempo do mundo para chorar seu infortúnio.

Mas a vingança da fada ainda não estava completa, precisava ter em seu poder o príncipe, e que o punisse também. Assim que deixou a infeliz Persinette, ela subiu de volta à torre, onde começou a cantar no tom que cantava Persinette. O príncipe, enganado pela voz, e quem voltava para vê-la, pediu novamente por seus cabelos, para subir como estava acostumado. A pérfida fada, que de propósito havia cortado os cabelos da bela Persinette, atirou-os ao pobre príncipe, que apareceu na janela, onde sua surpresa foi menor do que a dor de não encontrar sua amante. Ele a procurou com os olhos, mas a fada, fitando-o com raiva: “Atrevido”, disse, “teu crime é infinito, e a punição será terrível”. Mas ele, sem escutar as ameaças que só a si diziam: “Onde está Persinette?”, perguntou. “Ela já não é mais tua”, replicou a fada. Então, o príncipe, mais exaltado pela raiva de sua dor do que intimidado pela força da magia da fada, precipitou-se do alto da torre até à base. Ele podia ter quebrado mil vezes o corpo, caiu sem se fazer outro mal além do mal de perder a visão.

Ficou muito espantado ao sentir que não enxergava mais, permanecendo algum tempo no pé da torre a gemer e a pronunciar cem vezes o nome de Persinette.

Ele andou como pôde, tateando primeiro, depois com os passos mais seguros. Ficou assim não sei quanto tempo, sem encontrar quem quer que o pudesse ajudá-lo e conduzi-lo. Alimentava-se de ervas e de raízes que encontrava quando a fome apertava.

Passados alguns anos, ele se viu um dia mais atraído à lembrança de seus amores e dissabores do que o normal. Dormiu sob uma árvore e entregou seus pensamentos às tristes reflexões que fazia. Essa ocupação é cruel para quem pensa merecer uma sorte melhor. Mas, de repente, ele saiu da divagação com o som de uma voz encantadora. Esses primeiros sons foram diretamente em seu coração, nele se penetraram e trouxeram doces sensações, as quais havia muito tempo que não sentia. “Ó Céus!”, exclamou, “essa é a voz de Persinette!”.

Ele não se enganava, tinha pouco a pouco chegado em seu deserto. Ela estava sentada à porta de sua cabana, e cantava a triste história de seus amores. As duas crianças, mais belas que a luz do dia, brincavam a alguns passos da mãe, e afastando-se um pouco dela, chegaram a alguns passos da árvore sob a qual o príncipe havia dormido. Bastou eles o virem para que, agarrando-o pelo pescoço, comessem a beijá-lo várias vezes, dizendo a

todo momento: “É meu pai!”. Eles chamaram a sua mãe, e fizeram tão altos gritos que ela veio correndo, sem saber o que podia ser. Jamais, até aquele momento, sua solidão não havia sido interrompida por nenhum acontecimento.

Qual foi sua surpresa e sua alegria, quando reconheceu seu querido esposo! É algo impossível de se exprimir. Ela deu um grito agudo e dirigindo-se para perto dele, sua comoção foi tão intensa que, com uma reação bem natural, verteu uma torrente de lágrimas. Mas, ó, maravilha! No instante em que suas lágrimas preciosas caíram nos olhos do príncipe, eles retomaram, na mesma hora, toda a sua luz, e ele passou a enxergar tão claro quanto antes, e recebeu essa dádiva com a ternura de sua amorosa Persinette, que ele tomou entre seus braços, e a quem fez mil vezes mais carícias do que jamais havia feito.

Era mesmo um espetáculo comovente de ver, o belo príncipe, a encantadora princesa e as adoráveis crianças, numa alegria e carinho que os transportava para fora de si mesmos.

O resto do dia se passou assim neste prazer. Mas, chegando noite, a pequena família precisou de um pouco de comida. O príncipe, querendo pegar um biscoito, viu ele se transformar em pedra. Ficou apavorado com tal prodígio, e suspirou de dor. As pobres crianças choraram. A mãe desolada quis ao menos lhes dar um pouco d’água, mas ela virava cristal.

Que noite! Passaram-na a muito custo. Por cem vezes acharam que seria eterna.

Assim que o dia clareou, eles se levantaram e decidiram colher algumas ervas. Mas o quê! Elas se transformavam em sapos, em criaturas venenosas. Os mais inofensivos pássaros viravam dragões, harpias, que voavam sobre eles e cuja visão causava terror. “Está tudo terminado”, exclamou o príncipe, “minha querida Persinette, te encontrei apenas para te perder de um jeito ainda mais terrível”. “Morramos, meu querido príncipe”, respondeu ela, beijando-o carinhosamente, “e ainda façamos nossos inimigos invejarem nossa doce morte”.

As pobres criancinhas estavam entre seus braços, numa fraqueza que as deixava a dois dedos da morte. Quem não ficaria comovido em ver morrendo assim essa família deplorável? Então aconteceu um milagre para eles. A fada ficou enternecida, e lembrando nesse instante de toda a afeição que ela outrora havia sentido pela amável Persinette, transportou-se para o lugar onde eles estavam, aparecendo numa carruagem brilhante com

ouro e pedras preciosas, fez eles subirem, sentando-se entre os amantes afortunados, e colocando junto a seus pés as adoráveis crianças sobre azulejos magníficos. Ela os conduziu, dessa forma, até o palácio do rei, pai do príncipe. Foi lá que a alegria se fez excessiva. Receberam como a um deus o belo príncipe, que acreditavam ter perdido há muito tempo, e ele ficou tão contente em se achar nesse repouso após ter sido tão atormentado pela tempestade, que nada no mundo pôde se comparar à felicidade que viveu com sua esposa perfeita.

*Tenros esposos, entendam com o exemplo
Que ser sempre fiel é profícuo
As tristezas, os trabalhos, o mais duro afligimento,
Vai tudo se espairecendo
Quando o ardor é mútuo
Braveja-se a fortuna, supera-se a sorte
Contanto que dois esposos encontrem um norte.*

Comentários da tradução

Persinette foi publicado no primeiro volume de *Les contes des contes* (1698), sendo o mais curto dos contos de Charlotte-Rose de La Force. A história de uma jovem que é trancada numa torre isolada do mundo recebeu inúmeras versões e adaptações ao longo dos séculos, até os dias de hoje (a dos Irmãos Grimm, certamente, é uma das mais conhecidas atualmente) e seria baseada na lenda de Santa Bárbara, que era filha de um nobre que a trancafiava numa torre.

A primeira versão literária, no entanto, teria sido *Petrosinella*, de Giambattista Basile, escrita em napolitano e publicada entre os anos de 1634 e 1636, no seu *Lo cunto de li cunti*, também conhecido como *Il Pentamerone*. O conto seria fonte de inspiração para La Force, já que os títulos – que fazem referência à salsa – e algumas passagens da narrativa se assemelham.

Após tantas versões e adaptações, o conto *Persinette* de La Force é, provavelmente, a primeira versão escrita por uma mulher, da história da jovem conhecida como “Rapunzel”, a ganhar uma tradução para o português brasileiro. Em inglês, já existe a tradução realizada

por Laura Christensen – e que também incluiu na mesma coletânea as versões de Basile e dos Grimm –, que foi indispensável para esta tradução.

A questão que merece destaque aqui é o título. *Persinette* é composto pelo radical *persi*, referência ao vegetal *persil*, que significa salsa em francês, acrescentado ao sufixo diminutivo *ette*, que seria o equivalente ao *inho* ou *inha* do português. Assim, a tradução literal do nome da personagem seria “Salsinha”, que foi naturalmente umas das possibilidades de tradução. Outra opção pensada foi traduzir apenas a parte *persil* do nome, mantendo o sufixo do diminutivo do francês *ette* (porém removendo um ‘t’ para aportuguesá-lo), compondo, assim, “Salsete”. Optamos pelo nome Persinette, valorizando a língua de partida, mesmo que isso implicasse na perda da conexão com o vegetal salsa. Para preencher a lacuna, fez-se necessário inserir uma nota de rodapé no trecho do conto onde o nome Persinette é mencionado pela primeira vez, a fim de dar ao leitor um conhecimento prévio acerca do nome da heroína da história. Na tradução do inglês, a tradutora também preferiu manter Persinette, mas acrescentou uma frase que não existia no texto-fonte para criar uma conexão com a palavra *parsley*, salsa em inglês, sugerindo que a escolha do nome tinha relação com a vontade da mãe de comer o vegetal.

Sabemos que uma palavra pode possuir diversas conotações e significados diferentes de acordo com o uso, a posição que ocupa na frase e, também, com o tempo em que foi escrita. Por se tratar de um conto de fadas, algumas palavras exigiram um cuidado maior, como foi o caso de *charmese charmantes*, que carregavam muito mais uma conotação ligada aos encantamentos e às magias, do que simplesmente “charmes” e “charmosas”. Assim, traduzimos “encantadora princesa” e “através de seus encantos”, buscando evidenciar o feérico.

De um modo geral, a tradução buscou deixar uma leitura fluida, valorizando a língua de chegada, afastando-se da sintaxe o francês do século XVII, cheio de pontos-e-vírgulas e frases longas. Porém, quanto às referências histórico-culturais, como a unidade de medida *aunes* – utilizada para determinar o valor numérico do comprimento dos cabelos de Persinette –, que seria equivalente ao antigo côvado. No lugar de atualizar a medida para metros, foi mantido o termo *aunes*, já que ambas as medidas são muito próximas e evocariam a mesma noção, a de que o cabelo da jovem é muito comprido.

Antologia dos contos de fadas franceses de autoria feminina do século XVII. Charlotte-Rose Caumont de La Force. André Luís Leite de Menezes. Jaqueline Sindorski Bigaton. Janny Fioravante. ISBN: 978-85-5581-046-6

Enfim, que essa tradução permita ao leitor escalar as tranças de Persinette e redescobrir mais uma possibilidade de leitura – ainda pouco explorada – para uma história tão conhecida e, assim, poder se encantar novamente.

Publicado em 25 de agosto de 2019.